# Pedagogia expressiva criativa: Uma formação transversal para professores, construída a partir da criatividade, do movimento, e do uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Max Günther Haetinger
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
maxcriar@terra.com.br

Rui Trindade
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
trindade@fpce.up.pt

Ariana Cosme
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
ariana@fpce.up.pt

O trabalho tem como base uma pesquisa empírica, a partir da experiência de 30 anos em aula com formação de professores no Brasil e países da América Latina através de uma metodologia norteada pela interação e produção de conhecimento com o eixo em novas práxis escolares. Este trabalho parte de uma formação para professores, que trabalham em escolas e centros de aprendizagem informal e está fundamentado no desenvolvimento da criatividade em todas as áreas e disciplinas. Compreende o movimento e o lúdico como fatores de motivação e de aceleração da aprendizagem; e na ação integrada das tecnologias da informação e comunicação com ênfase no uso da telemática (TV e o áudio visual) e dos computadores, integrando-os ao cotidiano da sala de aula. A essência desta pratica é a valorização da expressão dos alunos, o movimento, e a aquisição desde muito cedo do domínio das múltiplas linguagens e suportes. A pesquisa empírica tem ocorrido na formação de professores em cursos e simpósios totalizando uma abrangência de 50 mil professores e professoras das redes publicas e privadas do Brasil por ano. O trabalho propõe técnicas formativas que utilizadas em conjunto na sala de aula ampliam de forma significativa as capacidades cognitiva, afetiva e motora dos educandos, além da capacidade de apropriação das linguagens, de resolução de problemas e de forma muito especial tem diminuído as dificuldades de relação e disciplina, favorecendo a participação dos alunos nas aulas. Este trabalho chamado de Pedagogia Expressiva Criativa se propõe como um método inovador pela característica da sua integração de três áreas muitas vezes desassociadas dos processos de ensino/aprendizagem. Esta pesquisa tem como base o estabelecimento de técnicas, dinâmicas e jogos para formação de professores que trabalham o papel de protagonista, e que fortalecem sua auto imagem e estima, oferecendo igualmente um modelo que pode ser repassado aos alunos, atingindo o mesmo crescimento. A pesquisa propõe também a necessidade de revisão dos modelos pedagógicos e atitudes educativas difundidas na educação atual e busca propor novas competências e habilidades para vencer desafios a partir de um método em sintonia com os novos tempos.

Palavras chave: aprendizagem, criatividade e TIC

## Uma visão geral sobre o tema

Um dos assuntos muito discutidos na formação docente em todas as épocas da educação é a promoção da autonomia dos alunos, nos processos de ensino/aprendizagem, no desenvolvimento de valores, e na formação da visão de mundo dos estudantes. Recorrente em vários autores e presente em centenas de artigos, a autonomia torna-se questão chave em pedagogias, e em ações didáticas que queriam desenvolver uma aprendizagem significativa e emancipatória, de alunos e alunas em todo globo.

Porem nos últimos anos devido à invasão, nas salas de aula de todo planeta, de novos processos de ensino/aprendizagem (metodologias, práxis educativas, novos designer instrucionais), a autonomia e suas competências básicas, voltam a ser discutidas e preconizadas. Apesar de toda a "modernidade" muitos governos (Portugal, Reino Unido, Brasil, Chile, entre muitos) contrariando o paradigma atual, voltam ao passado e buscam ferramentas para uma formação conteudista, através da implantação de testes, índices e de cartilhas especificas e padronizadas. Estes governos valorizam uma educação performática, baseada na proficiência do português e da matemática, acreditando estar ai a saída para a formação do ser humano do futuro, do dito *aluno perfeito. E*m pleno século do conhecimento, autores como Burrhus Frederic Skinner, passam a frequentar muitas salas, como se o Behaviorismo pudesse resolver os desafios do mundo atual e abrir a porta para o futuro, esquecendo ensinamentos universais como "ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção" (Freire,1996, p.22).

Sabemos pela pratica docente e pelas ideias de vários autores como Maturana (2001), Haetinger & Haetinger (2011), Lévi (1999), Morin (2001) que as questões fundamentais no mundo do conhecimento, neste terceiro milênio, da informação em nuvens, da tecnologia intuitiva, da internet, do Google, das enciclopédias virtuais, dos players de vídeo e musica, do conhecimento colaborativo, da autoria coletiva, não estão no saber duro, nem na tal proficiência do aluno, mas sim, em seu sucesso, como ser humano social e inserido em varias ecologias, como cita Gattari (1990). Este sucesso está hoje muito mais voltado aos seus saberes paralelos como a Criatividade, a Expressão, a tomada de decisão, nos valores, em proatividade, no trabalho em rede e na autonomia, do que no conteúdo duro e memorizável.



Paulo Freire (1996), já nos demonstra estas ideias e preconiza o que hoje é um desafio social e cultural: ajudar crianças, jovens e adultos, a promoverem nos seus processo de ensino/aprendizagem, uma visão única de cada individuo sobre o mundo e seus objetos, um diferencial expressivo e construtor. Promover sua autonomia, sua liberdade de transito, é fundamental, em um mundo onde padrões são executados por maquinas, e a grande *moeda de troca social*, esta no pensamento livre e criativo, ali pousam os paradigmas desde século, os diferencias para a realização de homens e mulheres.

Temos que nos opor "à malvadez neoliberal ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia"(Freire, 1996, p. 14). É esta busca do sonho e da utopia que nos move no processo de ensino/aprendizagem, uma busca incansável pela construção, crescimento e realização de nossos alunos, o nosso sonho de educador se misturas às utopias que crescem na mente de cada aluno e aluna em sala de aula.

Esta busca nos aproxima de outro ponto fundamental apresentado por Paulo Freire neste livro que é a "responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa

docente"(Freire, 1996, p.15). Responsabilidade esta que nos deve fazer questionar diariamente nossos métodos, atitudes e práxis em sala de aula. Ética esta que nos obriga a não só falar, mas escutar de forma igual a todos os envolvidos no processo educacional. Ensinar e treinar esta escuta, como lembra Paulo Freire, nesta e em outras obras, se traduz neste pensamento fundamental que na prática docente devemos promover a autonomia e a liberdade. "Não podemos nos assumir como seres promotores desta mudança se não formos, em primeiro lugar sujeitos éticos" (Freire, 1996, p. 17).

Completo este pensamento com professores éticos, que se assumem como pertencentes do mundo atual, como atores sociais, como protagonistas na formação humana, como "mola propulsora" da evolução e das descobertas, e não apenas como uma presença forte e marcante nesta realidade social cultural e ecológica. Esta ideia nos aproxima fortemente de um ser que se expressa, se comunica, cria, que seja exemplo em um mundo padronizado e globalizado. Expressão esta que começa nos tipos de relações que desenvolvemos em nossas casas, com nossos pais, nossos primeiros educadores, passando por professores e professoras de todo planeta.

Nestas últimas décadas esta realidade social que estão inseridos educadores e educadoras mudou, principalmente com as alterações no mundo do trabalho, aumento das jornadas laborais, da necessidade de todos na família pertencerem a este mundo do labor (pai, mãe, tia, tio, avós, etc.). As crianças chegam cada vez mais cedo a escola, no Brasil cada vez mais as famílias precisam colocar seus filhos em instituições de educação a partir do término da licença maternidade, com 4 ou 5 meses. Esta presença infantil desde os primeiros anos de vida da escola faz com que todos tenham que mudar papéis, currículo e modos de atendimento desta infância. É necessário desenvolver não só o cuidado, o afeto, mas também a cognição, a psicomotricidade e principalmente neste momento social, a expressão, a autonomia, os sentidos e a criatividade, que devem ser valorizadas, aprimoradas, difundidas e respeitadas nos ambientes escolares desde a mais tenra idade.



Dos sentidos desenvolvidos na educação infantil, passando pelo jogo simbólico, pela contação de historias, e por mais diversas atividades expressivas, da pintura a dramatização que construímos as bases intelectuais para estas crianças virem a ser "senhores/as" do seu destino. É no brincar infantil que nasce a autonomia e nas relações da criança com seu tempo livre, como nos lembram autores como Winnicott (1975) e Haetinger (2003).

Devemos começar com a capacidade de escutar o outro, de fazer do outro cumplice de nosso dialogo, e ver no outro, criança, jovem, adulto ou idoso/a, um ser que produz e divide conhecimento; e no/a educador/a aquele/a que pratica esta doação, este repartir de conhecimento e vivencias, não se escondendo atrás de uma posição do *sei tudo, sei mais*, ou em ações de falso ouvir, muito comum nas salas de aula, onde não paramos para realmente praticar a escuta, mas estamos sempre prontos a confrontar a escuta de forma autoritária, como se mais velhos ou mais letrados que nossos alunos pudéssemos de verdade saber mais que alguém. Paulo Freire (1996) já afirmava o que outros também já disseram como Spolin (1982) e Maturana (1999) "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender". (Freire, 1996, p. 23)

Penso que esta escuta vem em prol da autonomia, escuta promotora do senso critico, escuta construtora da autoestima e auto imagem, fatores fundamentais para o aprofundamento e entendimento de termos como criatividade, pensamento divergente e competências, importantíssimos, nesta era, onde as principais coisas, objetos e serviços já foram inventados. Esta capacidade criadora que tem que permear o

ensino/aprendizagem neste século, como nunca o fizemos ou pensamos em toda historia da humanidade.

A criatividade difundida em todos os meios sociais, da economia a didática, tem esta ênfase por ser hoje mais do que nunca, a grande promotora das possibilidades de inserção social e cultural em um mundo de transição, de verdades transitórias e fluidez constante como vemos na obra de Morin, Ciurana e Motta (2003), e de Lévy (1999). Este mundo de verdades mutáveis e mutantes, nos obrigam a desenvolver em nós esta competência criativa e criadora, urgentemente.

Como educadores temos uma tarefa ainda mais importante: proporcionar a nossos alunos/as a possibilidade de navegação, experimentação, destes novos modelos, novas culturas e principalmente novas maneiras de ser, estar, agir, conviver, aprender.

## A curiosidade e a expressão na escola

Talvez a característica mais marcante deste tempo presente e de seus novos paradigmas, é o preparar o ser humano para um mundo em transição. Alguns podem dizer que o mundo sempre esteve em transição e mudança, sem dúvida que sim, mas nos últimos anos estamos convivendo com uma aceleração constante e intensa, nunca vista em toda a nossa historia evolutiva. Muito rapidamente mudamos de um mundo onde o tempo era medido por dias, a partir dos anos 70 aceleramos e começamos a pensar o mundo por horas, nos anos noventa, pela mudança dos meios de produção e pela busca da performance estrema começamos a olhar o mundo por minutos, e neste século entramos na era dos *frames*.



Esta mudança no paradigma do tempo está mudando o comportamento das pessoas e o nosso ritmo de vida e de relações, entre elas as relações de ensino/aprendizagem. A sociedade da *mega* informação disponível, acessível e acessável, onde as fronteiras ficam tênues, e o saber é compartilhado de forma global. É o mundo onde nasce nosso aluno nos últimos 15 anos. Estes meninos e meninas que convivem neste tempo, junto conosco, publico de nossas escolas, são seres humanos diferentes aos extremos das nossas referencias, e nascem em um mundo onde a capacidade de armazenar conhecimento é realizada pelas maquinas, e o grande diferencial social não é mais o acumulo de saberes, mas sim a forma que processamos e usamos o tal conhecimento adquirido na escola e na vida.

Neste contexto a curiosidade é uma competência humana indispensável na hora de tratar e buscar conhecimento. A curiosidade é neste século a mola propulsora da atividade de aprendizagem, como diferencial para novos voos, e principalmente como matriz na infância do poder criador. A curiosidade humana, que sem duvida, é nosso diferencial dentre outros seres vivos, na busca pelo conhecimento, pelo crescimento. Esta curiosidade que faz o ser humano evoluir e inventar saídas para transformar seu cotidiano, do invento da roda ao avião, passando pelo microchip, é esta busca, em todas as áreas do conhecimento que possibilita esta chamada evolução.

Este ser curioso por sua vez deve e tem que ser estimulado a partir da escola, da mesma forma e disciplina que no século passado estruturamos a escola a partir da repetição e do acumulo de conhecimento. “O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não *espaço* vazio a ser preenchido por conteúdos” (Freire, 1996, p. 51)

Este suporte que Paulo Freire define como solidariedade entre mente e mãos, toma forma ainda mais complexa nesta sociedade digital e do conhecimento, lembrada na obra de Lévy (1999), e de Haetinger e Haetinger (2011), nos impulsiona nesta busca pelo ser curioso, pelo ser transformador, pelo ser aprendente, pelo ser criativo.

Este novo ser humano, se constrói na escola com ações didático pedagógicas que valorizem a pergunta, que preconizem o lúdico, a descoberta, a aventura, a busca, a aprendizagem significativa, o trabalho por projetos, a inter-relação transversal das áreas do conhecimento, os trabalhos *multi-trans-inter* disciplinares, onde o ato criador começa na descoberta psicomotora na primeira infância, passando pelo jogo simbólico, e outras técnicas ao longo da vida escolar que transformam esta curiosidade natural em curiosidade consciente, realizadora e incentivadora da aprendizagem significativa, técnicas estas que são a base da formação dos novos educadores , no que chamamos de Pedagogia Expressiva Criativa .

A Pedagogia Expressiva Criativa, tem como base esta busca pela curiosidade critica, pela liberdade de pensar e agir. A pedagogia Expressiva e Criativa busca instrumentalizar professoras e professores, com técnicas, ações e praticas que produzam este ser curioso, buscador e criativo. Esta pedagogia está norteada nos pilares do ser curioso: Ludicidade, Criatividade, Movimento e Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), e em um trabalho docente em sintonia com os interesses e buscas da comunidade e dos educandos, oferece uma ação dialógica com o conhecimento, uma interface mais motivadora e motivante, de forma a produzir uma mudança interior e exterior do ser humano, oferecendo a ele possibilidades maiores em um mundo dos *frames*, em um mundo de repositórios de informação, das relações on-line, mas carente de novas interpretações, mais conscientes e menos repetidoras de padrões e comportamentos.



A Pedagogia Expressiva Criativa se coloca como uma ação pedagógica transversal em sala de aula, focalizando sua ação nas práxis educativas, na forma, no *design*, no método e nos meios aos quais usaremos para integrar conhecimento, ludicidade, curiosidade e valores. Uma pedagogia viva, da ação, da sala de aula libertadora e formativa. Uma pedagogia menos livresca e mais proativa, em busca de oferecer novos instrumentos e multimeios para a escola navegar com mais tranquilidade em tempos de mares tão agitados. Este é o norte para onde nossa nau deve ser conduzida, um norte da aproximação entre a vida de nossos educandos e educandas e as praticas escolares.

Não podemos mais conceber uma escola que vira as costas para a criatividade, para o lúdico tão presente em nosso cotidiano (da internet, ao vídeo game, DVDs, *Smartphones*, entre muitos), da tecnologia da informação, dos veículos de comunicação. Ou seja, não podemos ver mais a escola como um "Google restrito e restritivo" onde os saberes são fatiados e somente acessíveis à medida que o professor vai liberando e direcionando, isto nunca poderia ser chamado de conhecimento, pois o saber dirigido ao extremo e sem eco social, é um saber que nasce sem utilidade, sem razão de ser.

Não podemos nunca esquecer a essência do conceito de conhecimento, ele é a descoberta, é revelação, evolução, crescimento, é como um não saber que é preenchido com um saber útil, prático, reflexivo e por que não dizer libertador.

Este sujeito crítico, emancipado e emancipador, autônomo, criativo e composto por curiosidade epistemológica, que queremos desenvolver, nas ações de formação de educadores, principalmente da educação infantil, e os dois primeiro ciclos de ensino através da Pedagogia Expressiva e Criativa. Formar professores atuantes e capazes de dar conta dos meninos e meninas deste século, com suas características, maneiras e

novos valores. Uma geração de nativos digitais, onde o que precisamos é alcançar as ferramentas certas e oferecer um ambiente favorável, que os valorize, para que eles deem conta do resto. É isto que chamo de Pedagogia Expressiva Criativa, esta junção de saberes, recursos e professores atualizados e bem formados para que possamos construir uma nova sala de aula, uma nova escola, um novo mundo.

"Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino" (Freire, 1996, p. 85)

**A busca da excelência, no ensinar/aprender.**

O que é uma escola de excelência? Como pensar esta escola?

A escola da excelência começa pela escuta, uma escuta verdadeira, de quem quer ouvir o outro e não apenas corrigi-lo, uma escuta do crescimento mutuo, de saberes complementares. A esta escuta chamamos de diálogo, mas esta palavra anda meio desgastada, pois todos dizem que a promovem, principalmente professores, quando na verdade o que observamos nas salas de aula de muitos lugares do mundo, é um monólogo, intercalado por perguntas, onde sempre o *mestre* tem a ultima palavra ou é quem trás a visão das *verdades*.

Ao falar especificamente de crianças até os 10 anos de idade, faixa etária que vamos estudar na Pedagogia Expressiva Criativa, esta visão que o adulto (professor/a) tem a verdade ao seu lado, se demonstra ainda mais fortemente. Porém mesmo nos mais altos graus de ensino universitário encontro, como aluno ou professor, pessoas que encaram uma sala de aula com a visão de que o professor tem a água do conhecimento e os alunos se dirigem às universidades para bebê-la, visão positivista e mofada de tão velha e ineficiente.



Para romper com esta escola do monólogo e dos saberes pré-construídos e eleitos por adultos, que nem sabem direito o que significam as mudanças sociais e comportamentais que estão ocorrendo, que julgam o mundo olhando para trás, e que acreditam que aquilo que os forjou mulheres e homens podem servir para a construção de seres humanos nesta era. Para que esse rompimento seja possível, precisamos mudar.

Uma mudança que deve ter como base, como já afirmei, a forma e não o conteúdo, o método e não o discurso, as ações de práxis na sala de aula e não as teorias apenas, a mudança começa no exemplo e não na palavra. Como diria Paulo Freire (1996) "As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distancia entre o que dizemos e o que fazemos" (Freire, 1996, p. 65).

A mudança se faz quando nos permitimos inovar e reinventar nossas praticas e a nós mesmos, a mudança acontece somente quando olhamos para frente, e nos colocamos ao lado desta nova geração e não acima ou abaixo deles.

Dentro desta perspectiva é que surge como método a Pedagogia Expressiva Criativa, fruto de uma pesquisa de uma vida como educador nas mais diversas idades e locais educativos, aplicados em centenas de salas de aula, com potencialidade para transformarmos as praticas educativas, a forma do pensar, fazer, construir e compartilhar conhecimento, saberes e afetos nos ambientes educativos.

Se o conceito de aprender mudou muito como já falamos ao longo do ultimo século e nos primeiro anos deste século, é claro que nossas praticas devem ser renovadas, arejadas, transformadas em ações que realmente produzam um ambiente dialógico, reflexivo e construtor de saberes, da autonomia, e de mentes tão abertas e plurais como os desafios deste século.

Estes novos alunos e alunas, só terão a plenitude do desenvolvimento e do saber, e se tornarão capazes, se tiverem ao seu lado um professor ou professora, bem formado em ações que consideramos básicas nesta nova era: Valorização da forma (design instrucional), afetividade e ludicidade, curiosidade e criatividade, promoção da autonomia, multimeios e conteúdos adequados a cultura e a realidade de nossas crianças e jovens.

Estas novas mentes de nossas crianças passam, para se tornarem criticas, por uma escola que se renove, não somente em políticas, ou regras, mas em ações, espaços e praticas pedagógicas, que não se esconda da tecnologia, mas se abra para ela. Escolas que possam ir além da sala de informática e do vídeo, e que possamos transformar todas as salas em multimeios e possibilidades de pesquisa e interação a todos os instantes. Onde palavras como criatividade, celulares, DVDs, redes sociais, internet, satélites, download, telas sensíveis ao toque, movimento, expressão e encantamento, façam parte do vocabulário dos adultos e das suas ações em sala de aula, aceitando esta modernidade de meios e ferramentas com o coração aberto e não com medo ou com disputas.

Estas novas mentes de nossas crianças passam por famílias, que participem mais no processo de ensino/aprendizagem, que colaborem com a construção ativa dos conhecimentos, e que junto com as a comunidade abracem esta cruzada moderna por busca de sedimentarmos os valores e a ética, tão em falta nas relações sociais e educacionais.

Aprender/ensinar é isto, é dinamismo com reflexão, é ação com consequências e adequação, e evolução com afeto, é tecnologia com contato humano.

Ensinar/ aprender passa por estes desafios que começa em casa, se estende na escola e nos prepara para a vida, em sociedade e planetária. Afinal habitamos um mesmo planeta, apesar de cultura e posturas diferentes, somos um mesmo povo, a mesma raça humana, de muitas cores, amores, sabores e credos, e devemos nesta diversidade acreditar sempre que podemos nos reinventar e superar as barreiras com força de vontade.



Trilhamos juntos, ao longo deste texto, encontrar uma união entre a autonomia e a Pedagogia Expressiva Criativa, com certeza para quem leu com atenção, esta relação tornou-se clara, pois não há criatividade sem curiosidade e não há curiosidade sem autonomia de pensamento, sentimentos e ações. E é nestas relações que forjamos e somos forjados, que construímos e somos construídos, que nos tornamos partes e todo.

Termino esta reflexão com uma música que sintetiza nossa busca por uma pedagogia que seja a própria autonomia. Uma música de um compositor que admiro e sei que Paulo Freire também tinha muito apreço, Gonzaguinha, um brasileiro que muito cedo nos deixou, mas seu legado e canções jamais serão esquecidos.

> "Eu acredito é na rapaziada, que segue em frente e segura o rojão, eu ponho fé é na fé da moçada, que não foge da fera e enfrenta o leão. Eu vou à luta é com essa juventude, que não corre da raia a troco de nada, eu vou no bloco dessa mocidade, que não tá na saudade e constrói a manhã desejada" (Gonzaguinha, E vamos a Luta , 1980).

## Referências bibliográficas

Freire, Paulo (1996). *A pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Haetinger, Max (1998). *Criatividade, criando arte e comportamento*. Porto Alegre: Edição Criar.

Haetinger, Max (2003). *Informática na educação: Um olhar criativo*. Porto Alegre: Edição Criar.

*Haetinger, Max (2005). O universo criativo da criança na educação.* Porto Alegre: Edição Criar.

Haetinger, Max (2010). *Professor Max em revista*. Pinhais: Editora Melo.

Haetinger, Max & Haetinger, Daniela (2011). *Aprendizagem criativa: Educadores motivados para enfrentar os desafios do novo século. Educação a distância, redes de aprendizagem, criatividade e motivação*. Rio de Janeiro: WAK Editora.

Lévy, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Maturana, Humberto & Varela Francisco (2003). *A árvore do conhecimento. As bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena.

Morin, Edgar (2001). *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez/Unesco.

Morin, Edgar; Ciurana, Emilio-Roger & Motta, Raul D. (2003). *Educar na era planetária*. São Paulo: Cortez.